

RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL: A PALAVRA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Paula de ABREU PEREIRA*

ABSTRACT: The word is an ideological phenomenon, it has been a producer of meaning along of the years, beyond of playing an active role in the construction and reproduction of racism, prejudice, discrimination against the black racial group, and the possibilities of overcoming and transforming their social reality. The word has the power to render the prejudiced ideologies. Thus, from the word, it is possible to construct racial consciousness, which empower the individual to face the daily discrimination. The school with its pedagogical materials and activities, peculiar languages, silences and, ideological discourses may produce, reproduce or transform its pedagogical actions, promoting racial diversity or else, to strengthen racial prejudice, encouraging discrimination.

KEYWORDS: Discourse; ideology; racial prejudice.

1. Brasil: democracia racial?

Quando você se defrontar com argumentos cheios de remorsos de que não existe discriminação racial no Brasil, que o preconceito contra o negro é social e que os negros são complexados, pergunte ao interlocutor cheio de culpas... se ele já passou um dia de negro.

Arnaldo Xavier¹

O Brasil é um país considerado como uma democracia racial, por ter sido constituído pela miscigenação de várias raças e etnias. Porém, muitos estudos e estatísticas demonstram enormes desigualdades sociais e um país marcado pelo preconceito, pela discriminação e pelo racismo.

A sociedade escravocrata possibilitou uma estrutura social que diferenciou brancos e negros, colocando-os em lugares sociais determinados. Durante mais de 300 anos os negros foram considerados como propriedade de outrem, subalternos, seres humanos tratados, ora como coisas, ora como pessoas, configurando-se em um determinado espaço e lugar social. Para Vertuan, “A idéia da inferioridade do negro servia para justificar a escravidão e o preconceito era inerente ao regime de ‘castas’ no Brasil” (2007, p.107).

Esta realidade só foi possível, por encontrar uma predominância social desses ideários em torno da escravidão no Brasil. A predominância dessas idéias foi construída através de teorias racialistas que se colocavam como científicas e pelo imaginário popular. As teorias racialistas construídas para legitimar a posição do negro nas sociedades escravocratas serviram para legitimar a ordem social.

A idéia de raça surge no século XVIII, como sendo inata e científica, com o objetivo de dominação e exclusão, pois classificava as raças como superiores e inferiores. As matrizes eram: amarela (índios e asiáticos), negros (africanos) e brancos (europeus). Segundo esta

*Pedagoga formada pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/CED/UFSC) na linha de pesquisa *Ensino e Formação de Educadores*. Consultora Educacional (licenciada) da Gerência de Educação da rede estadual de ensino da região da Grande Florianópolis/SC. Atualmente bolsista CAPES. Contato: paulaabreusc@hotmail.com

¹ Arnaldo Xavier, escritor negro do grupo Quilombohoje. Fonte: BENTO, 2003, p. 53.

concepção, a raça branca tinha nascido para as letras e a raça negra para o trabalho pesado. No século XIX acrescentaram-se os critérios morfológicos para a sua caracterização: nariz, lábios, queixo, crânio, ângulo facial.

Essas teorias se colocavam como científicas, porém atualmente não têm valor científico algum. Segundo, o Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil: Racismo, Pobreza e Violência, PNUD, 2005:

O conceito de raça foi apropriado pela ciência social para explicar as diferenças de valores, culturas, graus de desenvolvimento tecnológico e de organização entre os povos, dando origem ao racismo científico, ou darwinismo social. Essa corrente abrangia diversas vertentes, e a que mais influenciou o pensamento social naquele período fundava-se sobre três pontos. Um afirmava a existência de diferenças entre os grupos humanos que poderiam ser classificados como se fossem espécies animais ou vegetais. O outro ponto defendia a continuidade entre os aspectos físicos e os morais, de modo que à divisão do mundo entre raças corresponderia uma divisão entre culturas. O terceiro ponto considerava que os aspectos raciais e étnicos do indivíduo determinavam seu comportamento. Esse pressuposto fundou uma doutrina psicológica contrária à idéia do livre arbítrio do indivíduo. (Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil, PNUD, 2005, p. 31).

Era preciso um discurso para consolidar o preconceito racial que colocava a raça branca como superior e, a raça negra como inferior na hierarquia social. O racismo científico foi o ideário que “influenciou a intelectualidade, os reformadores sociais e os políticos até a terceira década do século 20, e ainda hoje permeia o imaginário social e o universo econômico, político e cultural do país” (Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil, PNUD, 2005, p. 31).

Essas diferenças e lugares sociais se expressaram e se constituem, também, através da linguagem. Conforme Bakhtin, toda a palavra é ideológica, portanto, não é neutra, tem uma intencionalidade. Para o autor “Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. “*Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN, 1990, p. 31, grifo do autor).

O imaginário popular era construído com falas do cotidiano, que passavam de geração em geração, para estabelecer uma certa ordem econômica e social construída. Segundo Bakhtin (1990), a palavra registra as menores variações das relações sociais, dos sistemas ideológicos constituídos e da “ideologia do cotidiano” onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

Segundo Vertuan (2007), o Brasil é o país com a maior população negra fora da África, que historicamente se constituiu como um país escravocrata onde ainda perduram idéias racistas nas instituições governamentais e na sociedade em geral. As ações e práticas sociais constroem os discursos e os discursos constroem as ações e as práticas sociais.

2. A linguagem e o cotidiano escolar: a palavra na construção de sentidos

Educação (...) refere-se ao processo de “construir a própria vida”, que se desenvolve em relações entre gerações, gêneros, grupos raciais e sociais, com intenção de transmitir visão de mundo, repassar conhecimento, comunicar experiências.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva²

² Fonte: MEC/SECAD, 2006, pág. 79.

O português usado no Brasil tem influência das diversas línguas e etnias, entre elas, as línguas indígenas e as línguas africanas, constituindo um português muito diferente do de Portugal. Essas mudanças da língua podem ser compreendidas, como construção histórica da língua viva. Segundo Bakhtin, “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*” (1990, p. 124, grifos do autor). A língua é dinâmica, a sua variação é inerente e reflete as variações sociais.

De fato, são as situações sociais complexas e circunstâncias específicas que imediatamente se refletem nas formas de linguagem. É por isso que Bakhtin enfatiza que as pequenas ou grandes mudanças na linguagem são sintomas de mudanças na sociedade. “A palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala” (BAKHTIN, 1979, p. 180) (Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, 2008, p. 68).

A resistência das elites brasileiras em reconhecer e valorizar o que era originariamente brasileiro, fruto da miscigenação racial, revela que o preconceito de raça, também servia e serve, para manter e reproduzir as classes sociais. O preconceito lingüístico revela o profundo preconceito racial e social presentes na sociedade brasileira. Conforme Bakhtin (2003), nas palavras encontram-se vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis e vozes próximas, que soam concomitantemente.

Para Bakhtin, a palavra é expressa por alguém e se dirige a alguém, expressão de um em relação ao outro, “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (1990, p. 113). Para o autor, as palavras são ideológicas e portadoras de sentido: “Na realidade, não são as palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas e más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (BAKHTIN, 1990, p.95, grifos do autor).

É pela palavra que construo significados do que é bom e mau, do que é ser negro e o que é ser branco, do superior e inferior, do dominante e do dominado. Segundo Souza (2005), o dicionário Aurélio ao definir *Branco* e *Negro* perpetua significados presentes culturalmente.

Tomaremos inicialmente a definição que se pode encontrar em um dos mais famosos e populares dicionários brasileiros, o “Aurélio” quanto aos termos negro e branco. *Branco*: “*Diz-se do indivíduo da raça branca.* Sem mácula, inocente, puro, cândido, ingênuo: alma branca” (FERREIRA, 1986, p. 282, grifos nossos). *Negro*: “*Diz-se do indivíduo da raça negra; Sujo, encardido. Maldito, perverso. Escravo*” (op. Cit.: 1187). Assim também refere-se aos derivados da palavra como por exemplo *negrada*, definido como “*grupos de indivíduos dados a pândegas ou desordens*” (SOUZA, 2005, p. 106).

Podemos observar a associação de significados negativos em relação aos negros e de significados positivos em relação aos brancos. Bakhtin e Volochínov (1926) consideram que as palavras articuladas estão impregnadas de qualidades presumidas e não enunciadas. Esses significados subjacentes às palavras auxiliam na reprodução de ideologias.

Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também valor ideológico. *Tudo que é ideológico possui valor semiótico* (BAKHTIN, 1990, p. 32, grifos do autor).

No campo de atuação/intervenção social, a educação, interessa sobremaneira interrogar: onde e com quem aprendemos o preconceito, o racismo e a discriminação racial? E por quê? De acordo com Gomes:

Aprendemos tudo isso na sociedade: família, escola, círculo de amizades, relacionamentos afetivos, trabalho, entre outros. A questão mais séria é: por que aprendemos a ver o outro e, nesse caso o negro, como inferior devido a sua aparência e/ou atributos físicos da sua origem africana? A resposta é: porque vivemos num país com uma estrutura racista onde a cor da pele de uma pessoa infelizmente é mais determinante para o seu destino social do que o seu caráter, a sua história, a sua trajetória. Além disso, porque o histórico da escravidão ainda afeta negativamente a vida, a trajetória e inserção social dos descendentes de africanos em nosso país (GOMES, 2005, p. 46).

A escola se constitui como uma instituição privilegiada para transmitir e produzir conhecimentos. Por ser uma instituição que está imersa na sociedade, apresenta os conflitos étnicos nela presentes. A língua permeia toda e qualquer relação humana e pode estar em toda e qualquer esfera da comunicação, transmitindo valores e sentidos. Na escola também há todo um jogo de linguagens, para legitimar as ideologias.

Na escola, por vezes se reforçam estereótipos que acabam incidindo como um estigma sobre as crianças negras. Esse reforço provém de fontes como práticas pedagógicas de professores mal-preparados que tendem a reproduzir preconceitos; tratamento diferenciado aos alunos por parte dos diretores, professores e funcionários; ofensas raciais, travestidas de brincadeiras de colegas e professores; uso da agressão verbal; e descaso das autoridades escolares em prevenir e punir semelhantes práticas. O racismo no espaço escolar se manifesta ainda por meio do livro didático e dos parâmetros curriculares, muito embora, por pressão do movimento negro, em um período mais recente ambos os aspectos tenham passado por alterações positivas. (Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil, PNUD, 2005, p. 69).

Souza (2005) tece sua argumentação sobre as linguagens utilizadas na escola e o caráter ideológico que estas reproduzem. Elaborou dois pontos de estudo e pesquisa: 1) linguagens escolares subjacentes; 2) interação, preconceito e ambiguidade na sala de aula.

Para a autora: “Definimos como linguagens escolares subjacentes àquelas formas de comunicação aparentemente ingênuas e isentas de ideologias, mas que estão, de fato impregnadas de preconceitos” (2005, p.109). Pode se manifestar de duas formas, não dando visibilidade ao grupo negro, ou possibilitando uma visibilidade de caráter pejorativo, inferiorizante, omitindo a contribuição e participação do negro ou o colocando numa posição de subalternidade.

Os materiais didáticos são forte expressão destas duas posições, seja por trazer ilustrações e conteúdos que valorizam a raça branca e a cultura europeizada, sem conter pessoas negras e sua cultura representada. Ou por trazer o negro numa posição de negro escravo, empregado doméstico e em situações discriminatórias. Para Silva: “Currículo e livro didático possuem expressivos componentes ideológicos que desqualificam o segmento afro-brasileiro seja a partir de características individuais e grupais, seja na perspectiva de sua participação na história do Brasil” (2007, p. 11).

Esses significados se reproduzem no cotidiano escolar através dos discursos dos professores e dos alunos em torno de seus conflitos étnicos. As palavras utilizadas para construir apelidos, xingamentos ou ironias, têm um caráter ideológico que é mascarado, mas

que ao mesmo tempo, revela o profundo preconceito, racismo e discriminação racial que ainda permeia as relações na sociedade brasileira atual.

Nos discursos há todo um universo semântico pejorativo, que identificamos com a não nomeação do pertencimento racial de adultos e crianças negras, com uso de termos como “moreninho”, “mulato”, “escurinho”, a utilização de outros termos preconceituosos que são necessários combater, como: denegrir, termo pejorativo, que significa: tornar negro, manchar, macular, expressões igualmente preconceituosas como “preto de alma branca”, “faça serviço de branco”, assim como as piadas racistas que disfarçam com trajes cômicos, os preconceitos existentes na nossa sociedade.

Dissimulações, apelidos, xingamentos, ironias consolidam a perpetuação de preconceitos e discriminações raciais latentes. Situações nas quais estudantes negros (as) são tratados (as) por seus colegas e/ou professores(as) com termos preconceituosos ou discriminatórios sinalizam a reiterada prática de investida contra a humanidade dos primeiros, numa tentativa de transformá-los em animais irracionais ou coisas, não sujeitos sociais: “urubu”, “macaco”, “picolé de asfalto”, “a coisa está preta”, “humor negro”, “carvãozinho”, “filhote de cruz-credo”, etc. (CAVALLEIRO, 2005, p. 13).

Essa linguagem comumente utilizada no ambiente escolar e na sociedade reforça a existência de um lugar desigual para o negro e naturaliza este tratamento. As palavras enunciadas socialmente, Bakhtin teorizou como enunciado concreto, que seria o que une os participantes da situação comum como co-participantes que conhecem, entendem avaliam a situação de maneira igual. É situado no tempo e no espaço. O enunciado concreto compreende duas partes: 1) a parte percebida ou realizada em palavras e 2) a parte presumida (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 1926). Para Bakhtin, o centro organizador da enunciação, das expressões, não são o interior do indivíduo, mas o exterior, o meio social que o envolve (1990).

No final dos anos 1980, no município do Rio de Janeiro, a pesquisadora Vera Figueira (2005) procurou identificar as conotações positivas e negativas, associadas a brancos e negros, presentes na escola, tentando buscar as características e qualidades que os estudantes associavam as duas raças:

No final dos anos 1980, a autora aplicou um questionário entre 442 estudantes de escolas públicas que atendem jovens de baixa renda entre 7 e 18 anos (238 brancos, 121 pardos e 83 pretos). Na sondagem, os brancos eram associados às seguintes qualidades: bonito (95%), inteligente (81,4%), engenheiro (85,4%) e médico (92,2%). Já os negros foram associados aos seguintes atributos: feio (90,3%), burro (82,3%), faxineiro (84,4%) e cozinheira (84,4%)¹⁰. (Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil, PNUD, 2005, p. 69).

A autora Eliane Cavalleiro constatou em seus estudos, que assim como as falas preconceituosas, discriminatórias e racistas, as omissões e os silenciamentos também são significativos. Pois, quando não encontramos a raça negra representada, nos livros didáticos, nos cartazes escolares, nos livros literários, essas omissões são significativas. Esse silenciamento em torno da raça e cultura negra na escola, nos mostra como há muitos anos a escola tem suprimido de seus conteúdos a cultura, a história as possibilidades de expressão deste povo. Assim como toda uma linguagem não verbal que também compromete a significação da raça negra, expressa em comportamentos, olhares e atitudes.

O silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola [...] No espaço escolar há toda uma linguagem não-verbal expressa por meio de comportamentos sociais e

disposições – formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras – que transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento a respeito do grupo negro (CAVALLEIRO, 2000, p. 98).

Para Bakhtin e Volochínov (1926), a situação extraverbal se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de significação. O contexto extraverbal do enunciado compreende três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos interlocutores; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; 3) sua avaliação comum dessa situação. A situação extraverbal não se realiza através de palavras, mas fica na esfera do presumido. Freitas (2005) assim explicita este conceito:

A situação extraverbal não é simplesmente causa externa de um enunciado, mas se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de seu sentido. Um enunciado concreto possui duas partes: uma percebida ou realizada em palavras e outra presumida. Assim, o individual e o subjetivo têm por trás o social, o objetivo. Os presumidos são julgamentos de valor, portanto, não são emoções individuais, mas atos sociais regulares e essenciais (FREITAS, 1995, p. 144).

É sobre esta esfera de valores presumidos que se constitui a tela, sobre a qual a fala humana viva desenha os contornos da entonação. A entonação é um dos elementos importantes para a compreensão do enunciado. A entonação estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal. A entonação sempre está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 1926).

Esses elementos conjugados no ambiente escolar trazem sérias consequências aos educandos negros e brancos. Segundo a pesquisadora Eliane Cavalleiro, nos negros, contribuem para a construção de um sentimento de inferioridade racial, intelectual, estética, moral e de inadequação social, tais como: medo, vergonha e raiva de ser negro. Ao contrário, nos educandos brancos, geram sentimentos de superioridade racial, intelectual, estética e moral e dificuldades de relacionamento com indivíduos negros, contribuindo assim, para a formação de cidadãos racistas. Esses sentimentos contraditórios geram atitudes de competição, de agressividade e de violência no cotidiano escolar. Além do que, também é uma das causas da evasão escolar de parte significativa da população negra.

Em estudos anteriores, foi possível comprovar que a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e, em especial, no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto-rejeição, desenvolvimento de baixa auto-estima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldades no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e, conseqüentemente, evasão escolar. Para o aluno branco, ao contrário acarretam: a cristalização de um sentimento irreal de superioridade, proporcionando a criação de um círculo vicioso que reforça a discriminação racial no cotidiano escolar, bem como em outros espaços da esfera pública (CAVALLEIRO, 2005, p. 12).

Esse tratamento preconceituoso e discriminatório na escola promove sérias consequências ao aluno negro, a sua identidade e a construção de uma consciência de pertencimento racial positivo. Segundo Stella (2008), a compreensão do mundo pelo sujeito, acontece no confronto entre as palavras da consciência e as palavras circulantes na realidade, entre o interno e o externo ideológico. A compreensão da palavra exterior, resultado do confronto da interpretação, proporciona uma reavaliação, uma modificação e o surgimento de

um novo signo na consciência, uma nova palavra interior, resultado evolutivo do contato e assimilação pelo sujeito da fala do outro.

Para Bakhtin (1990), a consciência, enquanto discurso interior, tem uma ação limitada. Mas, quando passa para o processo de objetivação social, para a ciência, a arte, o direito, a consciência torna-se uma força real, capaz de exercer ações sobre as bases econômicas da vida social.

Se é através das palavras que construímos sentidos, também é através delas que podemos desconstruí-los e ressignificá-los. Este processo de significação e ressignificação das palavras, pelo poder de traduzir as diversas transformações sociais estabelecidas ou ainda em fase de mudança, foi elaborado por Bakhtin. Segundo esse autor:

É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN, 1990, p. 41, grifo do autor).

Toda palavra é ponte, é dirigida ao outro, pressupõe o outro. É pela palavra que o racismo se reproduz, e é pela palavra que as pessoas se tornam conscientes do racismo, e, pela palavra, se pode construir a consciência racial, capaz de fortalecer o indivíduo diante das discriminações cotidianas, pois “A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social” (BAKHTIN, 1990, p. 36).

3. Finalizando...

A palavra é “o objeto fundamental de estudo das ideologias”
Bakhtin³

Por muito tempo no Brasil se sustentou, e ainda se sustenta, um discurso de que não existe discriminação étnico-racial na nossa sociedade e, por conseguinte, nas escolas. Porém, estudos demonstram que ele existe e é velado. Quando analisamos as práticas sociais, as escolares e os dados estatísticos, não temos como negar o racismo. A este fenômeno os estudiosos denominaram mito da democracia racial.

Para desvelar essa realidade, é necessário verbalizar a questão, os conflitos e não omiti-los, como se estes não existissem, pois é no debate, que poderemos promover uma conscientização sobre as causas e consequências do preconceito, do racismo e da discriminação racial.

Por isso é preciso falar sobre a questão racial, desmistificar o racismo, superar a discriminação racial. Diferentemente do que alguns pensam, quando discutimos publicamente o racismo não estamos acirrando o conflito entre os diferentes grupos étnico/raciais. Na realidade é o silenciamento sobre essa questão, que mais reforça a existência do racismo, da discriminação e da desigualdade racial (GOMES, 2005, p. 52).

³ Fonte: BAKHTIN, 1990, p 38.

A consciência não se constrói no individual, mas sim, na inter-relação entre individual/social. Para Bakhtin e Volochínov (1926), o fenômeno da consciência não é apenas psicológico, mas ideológico, produto de intercâmbio social.

Por meio do processo de conscientização que poderemos construir uma nova realidade social, novo sentido, da diferença e da igualdade. “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 1990, p. 34).

Para Bakhtin o homem é produto e produtor da história, da sociedade e da linguagem. Ele é ao mesmo tempo determinado e determinante da sua realidade social. Segundo Freitas “Bakhtin via o homem não como um ser biológico abstrato, mas histórico e social. Assim como via o homem na sua realidade histórica, também historicizava a linguagem, enraizando-a na existência histórica e social dos homens” (1995, p. 134).

Já que o homem é produto e produtor da sua história, quem a constrói também pode mudá-la. Neste sentido, a mudança da linguagem e dos sentidos das palavras são imprescindíveis à transformação social. A conscientização não se dá, senão, através do discurso. Para Cereja:

Assim, levando em conta a natureza dialógica da palavra, é possível dizer que, do ponto de vista Bakhtiniano, palavra é indissociável do discurso; palavra é discurso. Mas palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas (CEREJA, 2008, p. 204).

A escola, como instituição privilegiada de produção e transmissão dos conhecimentos socialmente produzidos, tem um papel fundamental na construção da consciência e da identidade dos sujeitos, no reconhecimento e valorização da diferença, em detrimento das desigualdades, sejam elas, de gênero, classe ou raça. Os aspectos realçados neste artigo de atenção à dimensão conformadora das trocas sociais pela linguagem indiciam a complexidade com a qual a educação das relações étnico-raciais está implicada, posto, mesmo, que lida com este universo de práticas – de linguagens - invisíveis aos próprios sujeitos que as (re) produzem.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e Tradução do Russo, Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal).
- BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 5ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN/VOLOSHINOV (1926) Discourse in life and discourse in art. In: *Freudism*. Nova York: Academic Press, 1976. [Tradução feita por Cristovão Tezza e Carlos Alberto Faraco. Versão para uso acadêmico restrito].
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Cidadania em preto e branco: discutindo as relações raciais*. São Paulo: Ática, 2003.
- BRASIL. Lei N^o 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.
- BRASIL. Lei N^o 11.645, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União de 11 de março de 2008.

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: MEC/SECAD, 2006.
- CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 11-18. (Coleção Educação para Todos).
- _____. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. São Paulo: Contexto, 2000.
- CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos Chave*. 4. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 201-220.
- Florianópolis. Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. *Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis*. Florianópolis, 2008.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Vygotsky & Bakhtin, Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. Bakhtin e a Psicologia. In: FARACO, TEZZA & CASTRO (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR, 1996. p. 165-187.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62. (Coleção Educação para Todos)
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano Brasil 2005: Racismo Pobreza e Violência*. Brasília: 2005.
- SILVA, Lúcia Helena Oliveira. História Afro-Brasileira e Africana nas Escolas. In: *Cultura Afro-Brasileira: construindo histórias*. Londrina: Idealiza Gráfica e Editora, 2007.
- SOUZA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens Escolares e Reprodução do Preconceito. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 105-120. (Coleção Educação para Todos).
- STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos Chave*. 4. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 177-190.
- VERTUAN, Maria José dos Santos. A Luta Constante por uma Educação Igualitária. In: *Cultura Afro-Brasileira: construindo histórias*. Londrina: Idealiza Gráfica e Editora, 2007.